

EU! QUEM?
como é que sem você fica difícil
eu saber quem eu sou

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

algumas outras pessoas

Há alguns poucos séculos atrás houve na Europa um homem chamado René Descartes. Ele era matemático e também filósofo, o que era meio comum naquele tempo. E aconteceu que ele não conseguia acreditar na filosofia de seu tempo. Nas filosofias, na verdade, porque elas eram várias. Agora também são.

Então ele resolveu parar tudo o que fazia (pelo menos o eu podia parar) e começar a pensar e a pensar até encontrar os fundamentos de uma verdadeira filosofia (se é que isto existe).

E ele começou a colocar tudo, tudo mesmo em dúvida. Começou a duvidar de tudo o que há e do que não há. Tudo, até dele mesmo. Então, no meio do pensamento de que tudo o que há pode não haver, de tudo o que existe pode não existir, ele descobriu algo que parecia existir, mesmo que ele não quisesse: o seu pensamento. Pois para duvidar que o que existe não existe, é preciso pensar.

Ora, mas como não é possível, um pensamento pensando sozinho, sem alguém que pense através dele, logo a seguir ele descobriu que não podia duvidar de que ele mesmo, René Descartes, um filósofo, pensando aquilo que ele pensava naquele momento, deveria existir sem dúvida alguma. Pois se ele não existisse, quem estaria pensando aquele pensamento que ele estava pensando?

Foi quando ele pensou e depois escreveu uma frase que ficou sendo uma das mais conhecidas e repetidas, dentro e fora da filosofia. E qual era esta frase? Era: *penso, logo existo*. Como ele escreveu em latim, coisa comum naquele tempo, ainda, aí vai ela tal como ele escreveu: *cogito, ergo sum*.

Não tenho certeza do que vou escrever agora, mas espero que você acredite em mim. Ouvi um amigo - um outro filósofo, mas não matemático - que alguns séculos depois, um

outro homem, tão francês quanto Descartes, chamado Lacan, teria dito, ou escrito, justamente isto: *sou onde não me penso*.

Acho que não vale a pena pensarmos aqui se foi mesmo um homem chamado Lacan quem disse isto, ou qual dos dois têm razão. Provavelmente porque talvez os dois tenham... e não tenham.

Melhor seria trazer aqui um outro homem. Um pensador também, um filósofo e um homem muito preocupado com a felicidade humana e o destino da humanidade. Seu nome é Martin Buber. Ele escreveu vários livros e quase todos existem em Português. Mas há um que se tornou um desses livros essenciais. Um livro que foi traduzido em muitas línguas e que felizmente até hoje é lido, refletido e debatido. Pena que talvez seja pouco praticado. Seu nome é muito curto: *Eu e Tu*.

É um livro difícil e eu imagino que algumas pessoas desistam de ler *Eu e Tu* logo nas primeiras páginas. O que é uma pena. Pois este é um livro em que Martin Buber nos desafia a compreendermos uma idéia-semente estranha. Tão estranha quanto importante para sabermos sobre nós mesmos e para aprendermos a nos encontrar ao longo da vida. E qual é afinal esta idéia? Ela sugere que o *eu* sozinho não existe! Isto mesmo. Só, cerrado em mim, eu não sou. Não é que eu não seja ninguém. Eu nem sou, não existo. Sou alguém de ninguém. Pois na unidade mais simples e mais elementar da existência não é o *eu*, mas a unidade *Eu-Tu* - que Buber sempre escreve com maiúsculas.

Só existo com o outro. Com você ou com algum outros ou todos os outros de minha vida. Só sou quem sou unido à existência de outras pessoas. E, por sua vez, elas somente existem na unidade do par *Eu-Tu*.

Mesmo que possa parecer um tanto difícil, vamos deixar que Buber nos diga isto com as suas próprias palavras. E a

própria palavra “palavra” vai ser muito importante em seu livro.

O que você vai ler mais adiante não são bem escritos de poesia. Não são poemas propriamente. Na verdade é um longo pensar que vai de perguntas a respeito de alguém chamado *eu* (e este *eu* bem pode ser *você*) até o encontro do *outro* (e este *outro* bem pode ser *você*, de novo... ou *eu*). Alguns antigos gostavam de escrever assim, com uma forma poética. De fato talvez esta tenha sido a primeira escrita por seres humanos.

1. Eu-me-mim... existe algo assim?

Eu! Eu?

Eu.

Eu?

Eu sou!

Sou?

Eu sou eu.

Sou eu mesmo?

Sou eu um eu!

Eu sou o eu?

Sou... eu?

Sou ou sonho
que *eu* sou
sem ser (quem?)
ou saber se sou
fora do sonho?
Sou... *eu*.
Eu! Quem?

O “me” do meu “eu

Eu/me... eu-me.
Me? Isso existe?
 Existe onde? Em *mim*?
 Existe quando? *Comigo*?
 Existe um *me* em *mim*?
 Ele é meu outro *eu*
 lá dentro de *mim mesmo*?

Será que ele é o
 outro lado do *meu eu*?
 Um ser que sou *eu*
 ou um *eu* que mora em *mim*!
 E, se for assim:
 Ele seria o *eu* que *eu* sou
 quando o *eu* em *mim*
 pensa em *si mesmo*?
 (e isso existe... enfim?)

O ser que me sente

Eu *me* sou...
 e serei mesmo
 um *eu* de *mim mesmo*?

Eu sinto.
Eu me sinto.
Eu sinto algo em *mim*
 quando *eu* me sinto sentindo.
 E *eu me* sei sentindo

(ou pelo menos acho isto!)
 E *eu* sei quando *me* sinto
 (ou ao menos sinto que sei).
 E será que sentindo o meu *eu*
eu sou mesmo um... *eu* que se sente?
 Ou sou um alguém que *se* sente
 sem nem saber quem *se* sente,
 e sem saber que sentindo
 é alguém que sabe quem sente?

Sou o meu outro eu?

Recomeçemos de novo!
Me sentindo *eu* devo ser
 o *me* de meu *eu* agora
 que vive e sente em *mim*?
 Aquele quando fala, fala assim:
 “Eu hoje *me* lembrei de ontem,
 e ontem *eu* pensei no hoje?”
 Então sou *meu* outro *eu*?
 Ou ele é o *eu* sentindo
 um *eu* que vivendo em *mim*
 não sabe se é *eu* ou... *outro*?

Penso, logo existo

Chegamos até aqui!
 Será que vale a pena ir em frente?
 Vejamos... venha *comigo!*
 Se agora *eu* escrevo isto
 que *eu* escrevi até aqui
 deve ser porque *eu* penso.
 Pois como escrever sem pensar?
 Assim... “penso, logo existo”.
 Penso, logo... existo?
 Penso? Logo existo?
 Pois se *eu* penso isto
eu estou e não estou
 lá onde *eu* penso?
 (ou penso que penso?).

E se *eu me* penso (como agora)
 penso tudo o que sei e penso
 onde eu sei que não *me* penso?
 Pois será que tudo o que *eu* sou,
 Ou penso que ando sendo
 cabe no *meu* pensamento?
 Pois *eu me* penso como *eu* sou?
 Ou será que a *minha* mente
 e o meu coração também
 sabem tão pouco de *mim*
 e sabem tão sim-ples-mente?

Sou onde não me penso

O *eu* que em *mim* me sente
 é o *me* que *se* sente em *mim*?
 E sou *eu* pensando *quem*
 quando *eu* penso ser alguém?

Pois quando *eu* penso o que sinto
 penso além do sentimento
 e sinto além do pensamento!
 E o *me* que em *mim* *eu* sinto
 parece não querer sempre
 ser o *eu* que em *mim* me sente!
 Será que sou o que penso
 ou sou onde não *me* penso?

me toco... e então

Me toco. Sinto. *Me* sinto.
 (E sinto que isso é bom!)
 Sinto o *meu* corpo ou o que?
 Toco as mãos, *uma* na *outra*.
 Sinto na outra uma mão
 e *me* sinto sendo elas:
 as mãos que se tocam e a *mim*.

Sinto uma pele que é *minha*
quando afago a *minha* pele,
e sinto os *meus* pés quando ando,
e sinto os dois ainda mais
quando com as mãos *eu* os toco.

Pois quando *eu* ando *eu me* sinto:
sinto os *meus* pés caminhando
e neles sinto o caminho
por *eu* onde vou... caminhando.
Preciso o chão do caminho
para *me* sentir no caminho.

E é preciso tempo: um bom tempo
para aprender a sentir e a *me* sentir
no caminho, caminhando.
Para sentir o todo de *meu* corpo
para além das *minhas* mãos e dos *meus* pés.

Mas às vezes até parece que ninguém
é tão estanho a *mim* quanto *eu* mesmo,
quando *me* sentindo sendo *um* só
parece que meu corpo é... um *outro*.

eu posso olhar o meu rosto?

Tem horas em que esse... *eu*
que eu sei que sou quando *eu* penso,
sente e pensa o *meu corpo*
mas dele conhece tão pouco!

Posso olhar *minhas* mãos.
Posso olhar as *minhas* pernas.
Posso olhar os *meus* dois pés.
Mas... posso olhar o *meu* rosto?
Sozinho, sem ninguém perto
eu posso olhar o *meu* rosto
sem o rosto de um espelho?
E os *meus* dois olhos
com que vejo as *minhas* mãos?
Só posso ver meus dois olhos
Como um reflexo na face de um vidro.
E quando não tenho um espelho
preciso de uma outra pessoa
para ver no espelho de seus olhos
o *meu* rosto: o rosto de *meu* rosto
e os *meus* olhos refletidos neles:
nos olhos de um outro que me olha.

todos veem, menos eu

Tem uma coisa que vivo a toda hora.
 Qualquer pessoa que passe por *mim*
 pode ver a *minha* nuca melhor do que *eu*.
 Pois tudo o que é o meu “lado de trás”
 (inclusive o meu traseiro!),
 todos vêem numa boa. Todos... menos *eu*.
 E assim *eu* descubro que sou quem menos sabe
 como é agora a “outra metade” de *meu* corpo.

Sinto o *meu* coração: ele bate *em mim*
 e *me* faz viver muitas vezes por minuto.
 Posso sentir *meu* coração vivendo em *mim*
 e posso imaginá-lo no fundo do *meu* corpo.
 Ele é um companheiro que *me* acompanha
 desde quando nascemos... *ele e eu!*

Mas *eu* nunca vi o *meu* coração.
 E acho que um médico conhece *ele*
 bastante melhor do que *eu*.
 Conhece, mas não sabe dele como *eu*.
 Pois ele sabe a ciência do *meu* coração
 mas não *sente* a sua vida em *mim*
 como *eu* sinto e sinto que sinto.
 E *eu*, que sinto? *Eu* sinto e sei?

Serei este alguém... um Carlos?

Será que sou mesmo a pessoa a quem eu chamo: *eu*?
 Serei esse alguém a quem num dia de abril
 deram este nome: "*Carlos*?
 Este alguém existe... ou *eu me* sonho e não sei,
 e um dia acordarei e então irei saber (ou não?)
 que não havia nem um *Carlos* e nem um *eu*,
 e nem havia quem agora escreve esta palavra: "*eu*"?

Convivo *comigo* há tanto, tanto tempo,
 e sei tanto e tão pouco do ser que há em *mim*,
 que às vezes paro e me pergunto:
eu sou *eu* mesmo quem *me* sente e vai *comigo*.
 Sou quem *me* pensa que ando sendo *eu*?
 E estou onde e quando... e como estou
 dentro da pessoa que imagina que sou *eu*?

Será que há bem mais de *mim* em *mim*
 além de quem *eu* sei e sinto? Quem...?
 Tudo o que *eu* sou cabe na face
 transparente da mente que *me* pensa?
 Cabe nas palavras com que digo: *eu*?

Ou haverá outras faces em outras esquinas
 dessa pessoa de *mim* mesmo que sou *eu*?
 E sobre *ela/eu*, será que *eu* sinto mesmo esse alguém
 e dela *eu/ela* sabemos de verdade alguma coisa?

Sou eu mesmo: sou... e sei?

Em que momento *eu* existo?
 E em que tempo *eu* estou:
 aqui? agora? ou... nunca?

Fui em algum tempo antes
 o que *eu* não *sou* mais agora?
 Serei em um outro tempo
 o que *eu* fui e sinto ser ainda?
 Sou aquele que *se* vê vivendo aqui
 um exato tempo: o só instante
 que mora em cada único momento?

Mas *eu* acho que vivo agora a memória
 do exato instante que já passou
 e *me* vejo a cada ser do agora
 imaginando um amanhã
 que nem sei se existe ainda, ou nunca.
 Porque a cada instante
 sou *eu* mesmo. Sou... e sei?

E sou o mesmo e um outro... Carlos
 que existiu em um tempo antes em *min*
 e comigo veio vindo vida afora,
 e *comigo me* fez ser *eu...* até agora!

quem fui, quem sou, quem serei

Eu sou agora... *eu*
 e estou já sendo agora quem?
 E quem será mesmo a pessoa
 que agora não existe neste “já”,
 e será *eu* quando for... depois?

Vejamos. Ora, sendo dois-em-um:
 um *eu* e um *me*
 como quando digo: “*eu me* toquei,
eu sou três... em três momentos
 Você duvida? Então veja:
 Sou quem *fui*, quem *sou*, quem *serei*.
 E de três, posso ser nove,
 se cada um “deles” for também:
 um *eu*, um *mim* e um *me*!

Quem há em mim?

Quem sente em *mim*
 e *me* sente sendo um ser?
 Um ser como *você*,
 Que *se* pensa e *se* pergunta:
eu sou?
 E o eco de perto responde: é!
 Mas o eco de longe
 responde... é?

Quem sabe em *mim*
 se *sou* quem sou? Quem?
 Quem há em *mim*
 que *me* sentiu
 e *me* sentindo... *me* pensou?

Pense você, que me leu até aqui,
 e me lendo pensou:
 “eu nunca precisei até agora
 pensar em nada disso pra ser... *eu!*”

E se eu fosse uma casa?

Quantos rostos de *eus* vivem em *mim*
 para que *eu* me sinta um só: *eu mesmo?*
 Se *eu me* imagino como se fosse uma casa
 como seria a casa em que *eu me* moro?

Uma varanda? Uma sala? Duas?
 Jardim? Um portão ou não?
 Um muro, uma cerca de flores, um quintal?
 Quantos recantos de luz... e de penumbra?
 Quantos quartos escuros e porões trancados?
 luz-e-sombra e sombra-e-luz?
 Quantos foram? Quantos há agora? Quantos?
 Quem *me* habita e sabe o que há em *mim?*

Quantos lugares com as janelas abertas
 e quantas salas de portas escancaradas
 e varandas sem grades e sem medos?
 Quantos becos na casa de *mim* mesmo?
 e quantas escadas e sótãos em cima
 de minha arquitetura de morada e de ruína?

Quantas cozinhas de fogões com fogo aceso
 e banheiros de azulejos frios e roupa suja?
 Será que serei um jardim com flores e frutas
 borboletas, passarinhos e pessoas?
 A casa-eu com um quintal entre sombras
 de árvores, de segredos e também das sobras
 de quem *eu* fui vida afora e não *me* lembro?
 Sou chaves na porta e trancas no portão
 com receio do que não é como *eu*?
 Do que não sabe ser igual a *mim*?
 Ou serei portas abertas para acolher quem chega?
 e para despedir quem sai e parte... e volta um dia?
 E antes de ir colhe uma flor em *meu* jardim.

Conheço ou não a casa que sou (ou não)?

Serei *eu* enfim esta casa una e múltipla
 fechada e aberta, pública e secreta
 hospitaleira e hostil, amiga e alheia,
 quente e fria, clara, estranha e escura
 fácil e difícil, perigosa... e tão segura,
 desconhecida de *outros* e de *mim*?

Tão pequenina, às vezes a “*minha casa*”
parece que mal *me* cabe por inteiro.
E, se é assim, o que de *mim* fica “lá dentro”,
E o que não cabe nela (em *mim*) e fica “lá fora”?
Penso que eu conheço a *casa-eu* de dia
com os olhos fechados, e também de noite.

Mas às vezes ela é tão *minha* e tão estranha
que de repente *eu* quase *me* dou conta
de que de toda, toda a casa: a casa inteira
eu conheço uma pequena parte, pequenina!
A casa que *eu* imagino que seja toda a casa:
como é? onde está? quem sabe ou saberá?
E ali, onde penso que há uma casa,
quem sabe? talvez nem exista casa alguma!

Estou só. Logo, somos quatro

“Estou só. Logo, somos quatro”.
Eu... me... mim... meu.
Fui... estou sendo... serei
um corpo, uma mente e um espírito.

Ontem... hoje... amanhã...
estou e sou *eu* em cada um?
E sou “isto” e acho que sou mais
do que a simples soma disso tudo!
Mas, sou este? Sou isto?
ou sou aquele ou aquilo?
Ou será que *me* engano
quando penso que sou *eu*
e estou em tudo isso?

Eu me sinto ser para além de *mim*
 o que me faz ser e sentir tudo.
 Tudo o que vejo, toco, cheiro e sinto
 E, como eu, penso que existe:
 o mundo real, a água, uma pedra, um passarinho
 E também o sonho, o devaneio, a fantasia,
 onde vivem outras águas, pedras, passarinhos.

O mistério do segredo do universo
 está fora... está além de mim e à minha volta?
 Ou tudo o que sendo outra coisa que não *eu*
me envolve e faz de *mim* um outro alguém:
 um outro ser que vive, como *eu*, como você
 dentro da teia deste outro... “um”?

Enfim, sou e estou em tudo
 e tudo o que existe
 de algum modo, se existe,
 existe também em *mim*?

diante do espelho... sou eu mesmo?

Nu, diante do espelho... sou eu mesmo?
 Sou um ser claro ou sou a sua sombra?
 Sou a ave branca em que *me* amo tanto
 e também o bicho bravo que *me* assusta
 e *me* prega a cada dia o mesmo susto?

Pois como a ave branca com que eu sonho
 e lá de dentro do meu sonho *eu* quero ser,
ele me olha no rosto e *me* diz: *eu sou você!*

2. A descoberta do eu no outro

será que eu existo... sem você?

O que vive em *mim* me ama

Se todo o meu amor fosse de *mim*
 por *mim* mesmo, pelo *eu* que há em *mim*:
 o amor do *meu eu* por *mim* mesmo,
 e ele fosse um grande e forte afeto
 ainda assim, no fundo todo este amor
 eu penso que seria o de uma triste solidão.

Pois *nós* nascemos para viver com outros,
 e o solitário não gosta de ser só.
 E quem só *se* ama não ama nem a *si*,
 pois o afeto o amor deve sair do *eu*
 em busca de um outro *eu*, um *eu* outro,
 para do encontro com ele voltar a mim!

Posso ver a cor dos meus olhos
 refletida na imagem transparente
 de um espelho de águas claras que devolve
 a um Narciso sozinho na beira do lago
 o seu rosto de um belo e triste solitário.
 Essa imagem é muda e é sem um nome
 pois não é quem *eu* sou, porque não é viva.

E sei que a vida - ela mesma, viva
 é quem sussurra em meus ouvidos
 que *eu* só posso *me* ver de verdade
 quando refletido na luz do olhar
 de algum outro, um alguém como *você!*

Pois quando alguém *me* olha de frente
 no espelho do afeto de seus olhos
eu me vejo ali, no claro de seu gesto
 e *vejo* em *você* a vida de quem *sou*.

eu sou alguém no meu amor

Filho das estrelas do universo
 (como *você* e a vida que vivemos)
eu só posso me ver *eu* como sou mesmo
 quando o olhar do *outro* em que *me* vejo
 reflete a imagem minha e a dele
 enlaçados em um gesto de acolhida.

Pois só quando um outro espelha
 um rosto tomado de ternura: o *meu*,
 o espelho do olhar do outro acende a luz
 onde eu *me* vejo inteiro e nu, tal como eu sou.
 E, quem sabe? não uma imagem de um só alguém,
 mas a de uma pessoa, duas, três: eu, você e nós!

Pois acho que só somos um alguém
 quando o amor pelos outros
 nos ensina a sairmos de nós mesmos
 e criar no *entre-nós* o que cada um sonha ser.

E, assim, aprendo diante de um outro
 que somente sou *eu* no amor por *mim*
 e mais, no amor que para além de *mim*
 descobre em qualquer outro... um irmão.
 Alguém que no olhar do afeto deixa *eu* ver
 no espelho do claro de seus olhos
 não o rosto de mim mesmo... solitário,
 mas o rosto de *meu* rosto, bem a gosto
 no espelho de *outro* rosto... solidário.

homem algum é uma ilha

O *meu outro* me fez outra pessoa: *eu!*
 Alguém que chegou perto de mim
 e pela estrada caminhou *comigo*
 Um outro alguém, como quem?
 Como um João, um José... como *você*,
 Um outro alguém que *me* olha
 e sente, e está ali e está *comigo*
 e entre ele e *eu*, *nós* somos... *nós*.

Entre o que tenho e o que sou,
 A vida toda, foi entre gestos pequeninos
 de troca de afetos, de palavras e silêncios
 que ao longo de *mim-mesmo eu* fui crescendo
 enquanto aprendia que só sou *eu-mesmo*
 quando salto para fora de *meu-eu*
 e *me* abro ao abraço de algum *outro*
 e acolho *você* em minha vida, amigo.

No encontro “de graça” com um *outro*
 esqueço um pouco de ser quem sou
 para de novo conviver no *entre-nós*
 de outras pessoas que buscam como *eu*
 a felicidade de estarmos juntos no encontro
 onde sabemos que somos pontes e caminhos
 e ninguém nasceu no mundo para ser ilha.

A graça de uma vida “de graça”

O melhor da vida é isso... e isso é grátis:
 alguns gestos de amor com os olhos,
 e os olhares do afeto com as mãos.
 Acenos de adeus ou de chegada.
 Um abraço, uma palavra, um silêncio
 vivido a dois, a três, a não sei quanto
 para ouvir o cantar de um passarinho
 ou o passar de um vento pelo tempo

Quando aprendemos que somos isso:
 afetos e memórias, o medo e a coragem
 o desejo e a tristeza, a pressa e a demora
 o esquecimento e a lembrança
 a viagem de ida e a de volta
 a alegria de estar-com e a solidão
 o desespero, a espera e a esperança
 e o afago dos corpos e o tocar dos olhos
 entre o desencontro e o reencontro.

Tudo aquilo com que a cada hora
 a vida inteira e pela vida afora,
você-e-eu e a rede tecida de nós-todos
 aprendemos que *nós* somos um *eu-inteiro*
 quando vivemos *entre-nós* o afeto
 que existe no encontro com um outro
 que, como *eu-e-você* precisa ser nós, *você-e-eu*
 para vivermos através de nós a *minha* vida e a *sua*.

e tão livre como eu

Na minha frente vejo *você*, outra pessoa,
 e meu alguém: alheio? amigo? irmão?
 Um companheiro igual a mim e diferente!
 Aí estamos... *você-e-eu*, *eu-e-você*
 e para além de *mim* e de *você*
 este outro que *nós* somos, sendo... *nós*.

Você, amigo, um *outro-eu* diante de *mim*.
 E livre de *mim* para poder ser... *você*.
 Tão livre como *eu*, para ser *comigo*
 o encontro do afeto entre *nós* dois.

Só quando não queremos de um *outro* alguém
 mais do que este *outro* alguém em nossa vida,
 sem proveito algum, sem ganhar nada
 a não ser o estarmos juntos no encontro,
 é que vivemos em *nós* a descoberta
 de que o melhor da vida, a vida inteira
 não é o que um *eu* conquista sobre o *outro*,
 mas o que construímos juntos: *um* com o *outro*.

Um com o outro, estrada afora

Quando começo o caminho,
 no começo encontro o *outro*.
 Quando caminho por ele vou com *ele*
 e todo o caminho é bom se vamos juntos.
 Quando um dia *eu* “chegar lá”, que ele esteja.
 Que ele esteja no começo e no final.

E caminhando, que aprendamos
 um com o outro pela estrada afora
 que quando não viajamos juntos
 não chegamos a parte alguma.
 Os passos são *meus*, mas nós andamos.
 O rumo *eu* escolho, *ele* o corrige.
 E sem a sua presença pela estrada
 eu dou os meus passos, mas não caminho.
 Eu sei meu rumo, mas não sei chegar.

um pódio de todos

Mesmo que eu consiga fazer isto,
 não quero vencer sozinho
 e nem quero ser o segundo ou o terceiro
 para ganhar ouro, prata ou bronze,
 deixando os outros todos para trás.
 Não quero um lugar no podium para mim
 lá onde só cabem três... se somos tantos!

Quero aprender a com-vencer, a vencer-junto,
 como quando chegarmos lado-a-lado
 no lugar da linha de chegada.
 E juntos, ao redor dos degraus do podium
 nós nos sentamos ao redor de um círculo
 Onde cabemos com folga todos nós,
 e sempre há lugar para mais um!

Não quero ser o melhor: quero ser bom!
 Para ser melhor do que os meus outros
 terei que ser sempre mais do que os outros.
 Melhor do que ser “o melhor”... é sermos bons
 e sabermos juntos repartir entre todos nós
 o que não precisa ser “só meu” para ser bom.

O melhor-de-todos vive triste de sozinho.
 Mesmo com o peito coberto de medalhas
 ele está só, pois o primeiro precisa estar na frente
 e sempre caminha com pressa de chegar,
 sem nem ver o que há por onde passa.
 Ele vai na frente e corre e é sem ninguém.

Quem-vai-com-os-outros caminha devagar
 e todos juntos vivem o lugar por onde passam
 e a alegria de conviver sem competir.
 E cantam o andar juntos pela estrada
 sem medo e sem pressa de chegar.
 Pois quando se vai junto com um outro
 o melhor do caminho é o caminhar.

3. Do encontro com o outro ao encontro com a vida

diferente de uma rosa ou de uma ave

Não sou quem penso ser porque *eu* penso,
 e sendo humano me separo de outros seres:
 os animais e as plantas com quem comparto
 a mesma viagem em nossa nave-casa: a Terra.

Partilho uma mesma grande aventura:
 a de viver a experiência de ser um *ser-da-vida*.
 Diferente de uma rosa e de uma ave
 nem melhor e nem mais do que uma flor,
 do que uma árvore, do que um bicho... *eu* sou.

Tudo o que é vivo existe num mesmo caminhar
 e querer e sonhar ser *eu* e um com os outros seres
 na mesma busca de viver e ser feliz,
 isto é o que me torna um ser humano.
 Isto é o que, entre *você, eu e nós*
nos faz sentir e pensar com amor a vida
 de quem somos filhos como a árvore e a ave

Passo a passo a energia da vida
 escreveu em nosso coração e em nossa mente:
 o mundo e a vida e o todo que há em tudo.
 E quando nós sentimos e pensamos
 o próprio mundo pensa em nós o mundo.
 Pois em nós a luz e a energia do universo
 aprende a saber os seus próprios nomes.

eu, você, nós e as estrelas

Sei que somos alguém quando *uns-e-outros*
 construímos, *um-com-o-outro* a própria vida.
 A mesma vida que é minha e é sua
 e é a grande Vida que nos acolhe a todos *nós*.

E se ela nos cria, somos *nós*, juntos,
 quem construímos a Vida que vivemos
 e a Vida que, juntos... *com-vivemos*.

Além, muito além de *mim* mesmo
 e bem além de todos *nós*, aqui/agora
eu estou - *você* e *nós* estamos.
 Sou e somos semente da Terra
 e poeira das estrelas.

As estrelas, você e eu

O *outro* é uma pessoa como *eu* sou
mas a pessoa do outro, como a minha
pode sair de *si mesma* e *se* estender a tudo:
à teia da vida e ao mistério do universo:
a tudo o que existe e nos une e entrelaça
no tecido do todo dela: a existência.

E se *nós* podemos olhar o céu à noite
e contemplar a Via Láctea, há de ser
porque de algum modo ela também existe
lá bem dentro de nosso coração.

A mente com que meditamos sem pensar
Para mais longe, além do que alcançam
o passo das palavras ou o vôo das idéias,
compreende o que o coração sente além *de si*
quando o amor nos estende além de *nós*.
E, livre de *me ser* e sendo tudo, enfim... *eu* sou
E no enlaço do ser chamado *nós*... *nós* somos.